



A tragicomédia vicentina que inspira esta ópera tinha texto e alguma música. A ação situa-se em 1521.

## Gil Vicente reinventado no CCB, n' *As Cortes de Júpiter*

**ÓPERA** O espetáculo tem encenação e adaptação dramática de Ricardo Neves-Neves e música de Filipe Raposo.

**A** partida da infanta Beatriz para a Saboia, para se casar com Carlos III, domina a ópera *As Cortes de Júpiter*, inspirada em Gil Vicente, que se estreará a 5 de fevereiro no Centro Cultural de Belém (CCB), em Lisboa.

O espetáculo, concebido a partir da tragicomédia vicentina homónima, que tinha texto e alguma música e cuja ação se situa em 1521, tem encenação e adaptação dramática de Ricardo Neves-Neves, música de Filipe Raposo e resulta de um desafio do CCB ao encenador para adaptar o texto de Gil Vicente por ocasião dos 500 anos da estreia d' *As Cortes de Júpiter*. A nova produção é também a primeira resultante do Laboratório de Ópera Portuguesa, criado pelo CCB em parceria com o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESSEM), da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (FCSH/UNL) e a Academia Portuguesa de Artes Musicais (APARM).

A tragicomédia vicentina, a última a ser apresentada em vida na corte de D. Manuel I – testemunhada presencialmente por Garcia de Resende, que avança com o dia 4 de agosto de 1521 para a estreia –, foi idealizada para o casamento e partida da infanta Beatriz, filha do soberano, para Saboia, onde concretizaria o casamento com o duque desta região. Na obra, a Provi-

dência, incumbida por Deus, ordena a Júpiter que concerte planetas e signos para que decorra sem sobressaltos, até ao destino, a viagem da infanta e das 18 naus que compõem a armada ao longo do Atlântico, pelo estreito de Gibraltar e o mar Mediterrâneo. O mar, os ventos, o Sol (Febo) e a Lua (Diana) são informados da missão.

Os diferentes elementos da corte, que partiram num pomposo cortejo encabeçado pelo próprio rei, seguido pela rainha, príncipe e infantes, em direção à Sé e, de lá, para a casa da rainha viúva (de D. João II), Leonor, irmã do soberano (Manuel I), para dela se despedi-

rem, acabam por a acompanhar a frota de Beatriz até à foz do Tejo, nadando umas 20 léguas, metamorfoseados em peixes, até ouvirem o canto ameaçador de 30 mil sereias, vindo do mar alto.

Perante a ameaça, Marte é chamado e recebe a ordem de proteger a esplendorosa armada de 18 naus. Como amigo e admirador dos feitos portugueses, Marte recita louvores entusiastas a Portugal. No fim, uma moura encantada, evocada aos sons de um romance, traz e entrega à duquesa de Saboia prendas de condão: um anel, um dedal e um terçado.

Para Ricardo Neves-Neves pôr o espetáculo em cena foi um “desafio” aceitar de “pés juntos”, ao saber que os protagonistas da ação eram o mar, os ventos, o Sol e a Lua. Sem conhecer os textos de Gil Vicente, que não fossem os mais ensinados no ensino secundário ou superior, o encenador passou o verão a ler as comédias e as tragédias do pioneiro do teatro português, apercebendo-se de um “lado lírico” no autor que desconhecia.

Para Filipe Raposo, o desafio, à partida, foi saber “como coser [as composições], coser de forma que houvesse uma linha condutora do princípio ao fim, sem haver grandes separações”, observou.

O espetáculo fica em cena no Pequeno Auditório do CCB dias 5 e 6 de fevereiro, às 19h00.

DN/LUSA

**A** tragicomédia vicentina, a última apresentada em vida na corte de D. Manuel I, foi idealizada para o casamento e partida da infanta Beatriz, filha do soberano, para Saboia, onde concretizaria o casamento com o duque desta região.